

GABRIELE FERREIRA

DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE
PARALÍMPICO PARA DEFICIENTES
VISUAIS: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA

Campinas

2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

GABRIELE FERREIRA

**DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE
PARALÍMPICO PARA DEFICIENTES
VISUAIS: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Edison Duarte

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DEFENDIDO PELA ALUNA GABRIELE FERREIRA E ORIENTADO PELO PROFESSOR DR. EDISON DUARTE.

ASSINATURA DO ORIENTADOR

**Campinas
2015**

COMISSÃO JULGADORA

Nome Completo do Orientador

Edison Duarte

Nome Completo do Titular da Banca

Gabriela Simone Harnisch

*Dedico esse trabalho ao meu avô Alcides,
que embora não consiga ver fisicamente
a conclusão do mesmo, está torcendo
por mim aonde quer que esteja,
Te amo, sempre!*

AGRADECIMENTOS

Não imaginei que escrever os agradecimentos seria talvez mais difícil do que ler todos os artigos e redigir o trabalho propriamente dito, pensar em cada um que esteve ao meu lado ao longo dessa jornada, nos que me apoiaram, me aturaram e me amaram, naqueles que nem sabem, mas tiveram uma importância enorme diante disso tudo, é de uma nostalgia enorme, sentimentos bons por todos aqueles que tornaram possível que eu chegasse até aqui exatamente do jeito que estou hoje. Não me atenho a nenhuma ordem específica de citação nesse momento.

Começo agradecendo a Gabi Harnisch e Jalusa Storch que me deram um norte aos quarenta e cinco do segundo tempo quando eu já estava cansada da antiga pesquisa, e também ao professor Edison Duarte que aceitou o trabalho de me orientar e o fez com a devida paciência e competência. Ainda nesse célebre grupo, agradeço a todos da ‘Gavião Corporation’, que tive o imenso prazer de fazer parte nesse último semestre, obrigada por me mostrarem o quão bom é fazer parte de um grupo, por me permitirem aprender com cada um de vocês a cada dia.

Dentre aqueles que carinhosamente chamo de amigos, corro risco de esquecer alguém, e já peço desculpas antecipadas, agradeço a sala 012 diurno que entraram no mundo desconhecido da universidade ao mesmo tempo que eu, dividiram todas as tensões pré provas, as conversas sem sentido na vagabundita, os churrascos e festas mais sensacionais da graduação. Me orgulho em dizer que fiz parte dessa turma, não me estendo citando nome a nome, mas todos tiveram um papel importante em suas mais diferentes formas. Em especial dessa turma Marina Boscariol, que “obrigatoriamente” tenho que amar, é claro que uma pessoa como ela nos deixa sem muitas opções, obrigada por cada momento dividido comigo, também Luana e Giovanna que fecham esse quarteto fantástico, amizades que pretendo levar para além da universidade, que a distância, o tempo e a rotina não mudem o sentimento e que cada encontro com vocês seja único e prazeroso. Ainda na turma 012, Aninha, minha eterna parceira, não dá pra explicar o que nos uniu diante de tanta coisa em comum, e não importa o que aconteça, nós sabemos, que se a gente vai juntinho, vai bem... Por fim nessa sala, mas não menos importante, alguém que hoje está longe fisicamente, mas continua mais próximo que muita gente, obrigada Vitor Freire por aguentar todas as minhas grosserias e ainda assim não desistir dessa amizade.

Agradeço a galera do handebol, as meninas que me ensinaram muito da modalidade e da união de um time, e aos meninos que no último ano me permitiram entrar como auxiliar na equipe, todos vocês que me fizeram criar uma paixão nunca antes imaginada, obrigada por tudo que me ensinaram, pela força de vontade, confiança e garra de sempre, vocês me ensinaram muito em quadra e mais ainda fora delas, são ensinamentos que levarei pra toda a vida, agradeço a Deus por ter tido a oportunidade de estar com vocês, cito aqui alguns nomes dos que mais me marcaram nesse período: Kelvin, Luiza, Bianca e Patrícia.

Ao Caio Patutti, que sempre fala da minha importância na vida acadêmica dele, mas talvez não saiba da importância que teve na minha vida de modo geral, desde que chegou na faculdade e passou a fazer parte do meu cotidiano, agradeço a confiança e amizade recíproca criada nesses dois últimos anos!

Aos docentes da Faculdade de Educação Física que cada um a sua maneira deixou alguma mensagem e aprendizado, em especial, sou eternamente grata a professora Consolação, que teve papel de orientadora na primeira iniciação científica, me apresentou o mundo da pesquisa, ensinou muito sobre a vida acadêmica e ainda me mostrou que devo acreditar no meu próprio potencial.

Ao Vinicius Romera, meu amigo desde o ensino médio e pra vida toda que esteve sempre disposto a me ouvir e me apoiou em cada passo da trajetória seguida.

Agradeço cada grupo de dança que fiz parte ao longo de todos esses anos vividos, ao que cada um me ensinou, desde bailarinos, professores, coreógrafos e diretores, saibam que a alegria de estar nos palcos não morreu com a lesão, eu ainda vou voltar, afinal de contas a luz dos palcos é infinitamente melhor que a escuridão da plateia.

Um agradecimento especial a Mari Dias, talvez a mais sincera das amigas, que sempre tem um bom conselho, independente da distância, suas cartas nesses últimos anos faziam parte da válvula de escape, foram tantos desabafos, tantos segredos, tantas coisas boas e quantas saudades escritas.

Chauli, que me apoiou em todos os momentos, que esteve junto nos risos e choros dessa trajetória, obrigada por não desistir dessa sua amiga isenta de coração e open de grosserias.

Agradeço a minha família, que por mais maluca que seja, sabe exatamente a importância do amor e união da instituição familiar, que começaram a festejar antes que eu quando souberam que havia passado no vestibular. Junto deles agradeço a Jéssica Rodrigues, que há muito tempo deixou de ser amiga de infância pra ser irmã mais velha, atual cunhada e eterna parceira.

Termino agradecendo as pessoas mais importantes de todo esse ciclo, meus pais e meu irmão, que estiveram ao meu lado e mesmo sem concordar, me apoiaram, me deram suporte pra chegar até aqui, me ensinaram sobre a vida, sobre o mundo e me amaram incondicionalmente, agradeço, mesmo sem saber se sou merecedora. Minha maior missão na vida é fazer com que eles se orgulhem da filha que criaram. Espero estar cumprindo com êxito tal tarefa.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, e cada um de vocês me cativaram a sua maneira, muito obrigada!

RESUMO:

O esporte Paralímpico vem crescendo muito e demanda de desenvolvimento científico e tecnológico para seguir em busca de melhorias, o presente estudo busca reunir os trabalhos existentes desde os primórdios da pesquisa no esporte para pessoas com deficiência até os dias atuais, analisando a quantidade de artigos existentes em cada uma das modalidades e quais os principais temas estudados por eles, as modalidades abordadas nesse trabalho serão exclusivamente as praticadas nas Paralimpíadas de verão por deficientes visuais.

PALAVRAS CHAVES: esporte paralímpico, deficientes visuais, cegos.

ABSTRACT:

The Paralympic sports has been increasing and demand for scientific and technological development to follow in search of improvements, this study seeks to bring together existing work from the research beginning in the sport for people with disabilities to the present day, analyzing the quantity of articles in each of the modes and what the main themes studied by them, the methods discussed in this paper are solely those practiced in the summer Paralympics Games by the visually impaired.

KEY WORDS: paralympic sport, visually impaired, blind.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atletismo Paralímpico	23
Tabela 2 – Futebol de Cinco	29
Tabela 3 – Goalball	33
Tabela 4 – Judô Paralímpico	47
Tabela 5 – Natação Paralímpica	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	11
3. OBJETIVOS	12
4. JUSTIFICATIVA	12
5. REVISÃO DE LITERATURA	12
5.1.1 DEFICIÊNCIA VISUAL	12
5.1.2 CLASSIFICAÇÃO OFTAMOLÓGICA	13
5.2 ATLETISMO	15
5.3 CICLISMO	16
5.3.1 CICLISMO DE ESTRADA	17
5.3.2 CICLISMO DE PISTA	17
5.4 FUTEBOL DE 5	18
5.5 GOALBALL	19
5.6 JUDÔ	20
5.7 NATAÇÃO	20
6. RESULTADOS	23
7. CONCLUSÃO	58
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	59

1. INTRODUÇÃO

O surgimento do movimento paralímpico foi baseado em práticas de reabilitação e lazer. Em 1944 na Inglaterra, mais precisamente na Unidade de Lesões Medulares de Stoke Mandeville, o neurocirurgião Ludwig Guttman começou a usar o esporte como parte do processo de reabilitação de seus pacientes com lesões decorrentes da Guerra. O esporte era uma maneira de melhorar a qualidade de vida e condição psicológica dessas pessoas (MELLO & WINCKLER, 2012).

As pessoas que apresentam alguma deficiência representam cerca de 14% da população Brasileira, apesar de existirem leis que protegem e garantem seus direitos, poucas são as pesquisas que visam à saúde destas pessoas. Para proporcionar a inclusão e auxiliar no tratamento das pessoas com deficiência, surgiu o esporte adaptado, que desde a II Guerra Mundial vem crescendo e auxiliando estes indivíduos a ultrapassar as barreiras físicas e sociais, a sair do sedentarismo e melhorar sua qualidade de vida (FRASSON, STRIJKER, 2003; SOUSA, 2004; BERNARDES *et al.*, 2009).

Inicialmente os Jogos Paralímpicos incluíam na competição apenas atletas com lesão medular, somente na 6ª edição, em 1976 Toronto, Canadá foi incluído no programa paralímpico um esporte voltado para os deficientes visuais, mais especificamente o Goalball.

O Esporte Paralímpico encontra-se em constante crescimento e desenvolvimento unindo ciência, tecnologia, educação e formação especializada em busca de melhorias.

Nos próximos jogos Paralímpicos de verão em 2016 no Rio de Janeiro, serão disputadas vinte e duas modalidades.

Dentre as vinte e duas modalidades existentes nos jogos, será realizado um recorte no presente estudo com as modalidades que contemplem a deficiência visual para maior detalhamento dos trabalhos já existentes sobre o esporte paralímpico para deficientes visuais. As modalidades praticadas que serão objeto desse estudo são: Atletismo, Ciclismo, Futebol de 5, Goalball, Natação e Judô.

Será realizada uma revisão de literatura sobre as publicações em periódicos, livros, dissertações e teses que veiculam pesquisas sobre essas modalidades.

Para a compreensão das modalidades a serem estudadas, essa revisão de literatura informa as principais características de cada uma delas, assim como faz considerações sobre a classificação funcional esportiva para atletas com deficiência visual.

2. METODOLOGIA

“Tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato.” (LAKATOS e MARONI, 2003). Então a metodologia a ser adota no estudo deve ser aquela que facilite o alcance dos objetivos propostos pelo mesmo e esteja de acordo com o tipo de dados que serão utilizados.

O atual trabalho caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa de revisão bibliográfica, que contabilizou e analisou os principais temas estudados dentre os artigos publicados no âmbito do esporte paralímpico das modalidades praticadas por atletas com deficiência visual. Atletismo, Ciclismo, Futebol de 5, Goalball, Judô e Natação. Para isso a pesquisa contou com a busca sistematizada em diferentes bases de dados on line, são elas: Google Acadêmico, Lilacs, SBU Unicamp, Medline, Sciverse, Bvsalud (BIREME), Web of Science, Scielo, Scopus, Science Direct e Pubmed.

As palavras chaves utilizadas para a busca em cada uma das modalidades foram: no Atletismo “atletismo paralímpico”, “corredores paralímpicos”, “lançadores paralímpicos”, “athletics”, “runners”; No Ciclismo foram usados “ciclismo paralímpico” e “handbike”; No Futebol de 5: “futebol de 5”, “5 a side football”; No Goalball por ser um esporte não adaptado, criado exclusivamente para as paralímpiadas, foi feita a busca utilizando apenas a única palavra chave “goalball”. No Judô Paralímpico as palavras chaves utilizadas foram: “judô paraolímpico”, “paralympic judo”. Na Natação “natação paralímpica”, “para-natação”, “natação paradesportiva”, “paralympic swimming”, “paralympic swimmers”, “disable swimmers”, “disability swimming”, “swim”, “natación paraolímpica”.

Nas modalidades que não são específicas dos deficientes visuais e contemplam outros tipos de deficiência, atletismo, natação e ciclismo, foram excluídos os artigos encontrados que diziam respeito apenas as demais deficiências

3. OBJETIVOS

O presente estudo tem por objetivo sintetizar os trabalhos existentes no Brasil e no mundo acerca do esporte paralímpico para deficientes visuais. Através de busca em bases de dados nacionais e internacionais verificar a incidência de pesquisas existentes, o ano de início das pesquisas em cada modalidade e quais os temas abordados mais corriqueiramente dentro de cada um dos esportes escolhidos.

4. JUSTIFICATIVA

O trabalho justifica-se pela necessidade de sintetização do conhecimento acerca do esporte paralímpico. Se faz importante mostrar aos estudiosos da área a quantidade de trabalhos e os temas mais corriqueiramente pesquisados pelo mundo, para que possamos então preencher a lacuna existente diante dos estudos existentes, verificar quais as modalidades e temas carecem de maior atenção e de novas pesquisas.

5. REVISÃO DE LITERATURA

5.1.1. Deficiência Visual:

As causas da deficiência visual podem ser congênitas quando ocorre antes ou durante o nascimento, ou adquirida quando ocorre após a infância, neste segundo caso a pessoa possui memória visual.

De acordo com as definições de Alessandro Tosim, et al., 2008, estão descritas a seguir algumas das principais causa da cegueira:

Retinoblastoma: um tipo de câncer que frequentemente leva à remoção do olho.

Glaucoma: causado por um distúrbio na drenagem do fluído intraocular. O conseqüente aumento de pressão pode acabar levando à cegueira total.

Catarata: a perda da transparência característica da lente, tornando o cristalino opaco.

Retinose pigmentar: doença hereditária e progressiva na qual ocorre inicialmente a cegueira noturna, seguida pela possibilidade de perda da visão periférica.

Degeneração macular: causa perda da acuidade visual e um ponto cego central no campo visual.

Fibroblasia retrolental: causada pela alta concentração de oxigênio nas incubadoras.

Descolamento de retina: é o desprendimento da retina da superfície interna do globo ocular.

Miopia: É causada em condições em que os raios de luz se concentram na frente da retina, quando os olhos estão em repouso e olhando para um objeto a uma distância de 20 ou mais pés; uma lente côncava pode refocalizar a imagem sobre a retina.

Retinopatia diabética: Tanto o diabetes juvenil quanto o aparecimento na maturidade podem dar lugar à retinopatia diabética, uma doença dos vasos retinianos que se tornou uma das causas principais da cegueira no mundo ocidental. A incidência e gravidade da retinopatia aumenta com a duração do diabetes, e a retinopatia é mais grave se o diabetes é mal controlado nos primeiros anos após seu aparecimento.

Traumatismos oculares: são causas comuns que podem causar a deficiência visual, desencadeados por agentes mecânicos (perfurações ou lacerações) ou não mecânicos (queimadura por agentes químicos, térmicos, elétricos, radioativos, etc.). A gravidade do trauma e possíveis sequelas variam conforme a extensão da lesão.

Toxoplasmose: trata-se de uma doença causada pelo toxoplasma gondii, que é parasita das células de vários tecidos do organismo humano.

Rubéola: durante o terceiro trimestre da gestação, as complicações da rubéola podem causar limitação no aproveitamento visual.

Meningite: É a inflamação das meninges, que são as membranas que recobrem e protegem o tecido nervoso do encéfalo e da medula espinhal. Há três meninges: a pia-máter, as aracnóides e a dura-máter; nas aracnóides existem lacunas intercomunicáveis que contêm o líquido cefalorraquidiano, muito importante para o diagnóstico da meningite.

5.1.2. Classificação Oftalmológica:

Na prática esportiva de alto rendimento para atletas com algum tipo de deficiência faz-se necessário uma classificação funcional para nivelamento da capacidade física e funcional do atleta, a fim de deixar a competição mais justa e igualitária entre seus competidores. Os princípios da classificação esportiva para atletas com deficiência tem função de extrema importância na determinação das habilidades ou inabilidades, para assegurar a igualdade na competição (VARELA, 1991).

Podemos considerar que a classificação do esporte paralímpico no modelo atual é dividida em classificação médica para os atletas com deficiência visual, classificação funcional para os atletas deficientes físicos e classificação psicológica para os atletas com deficiência intelectual (FREITAS & SANTOS, 2012).

A avaliação da função visual é imprescindível, para que o atleta seja colocado na classe mais apropriada de acordo com suas características e especificidades, proporcionando a todos uma competição mais justa, afinal o atleta com algum resíduo visual pode apresentar alguma vantagem sobre atletas totalmente cegos em determinadas provas (FREITAS & SANTOS, 2012)

A classificação oftalmológica é a forma escolhida pela Federação Internacional de Esportes para Cegos (International Blind Sports Federation –IBSA) para legitimar ou não a participação de uma pessoa nas competições oficiais para atletas cegos e com baixa visão, e ainda possibilitar uma melhor condição de igualdade entre os atletas, inserindo-os em classes diferentes de acordo com seu nível visual (CBDC, 2015)

De acordo com Freitas & Santos 2012, na classificação dos atletas com deficiência visual o procedimento de análise do médico oftalmologista consiste nos seguintes testes:

- Acuidade Visual: onde o especialista avalia a capacidade de definir a forma de um objeto qualquer em determinada distância. Esse teste é realizado com e sem a utilização de óculos e lentes de aumento.
- Fundoscopia: é o exame realizado com o intuito de avaliar as lesões na mácula, na retina e algumas outras.
- Tonometria de Aplanção: exame que avalia a pressão interna do globo ocular (glaucoma).
- Campo Visual: avalia a visão periférica do indivíduo.

Após o procedimento clínico para determinação do nível visual de cada atleta a divisão das classes é feita da seguinte forma:

B1 – Vai desde nenhuma percepção de luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, porém com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.

B2 – Da capacidade de reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60, quer dizer que a forma de um objeto que uma pessoa com visão normal enxerga nitidamente a 60 metros, o indivíduo dessa categoria só consegue enxergar com nitidez quando o objeto se encontra a 2 metros, e/ou campo visual inferior a 5 graus.

B3 – Da acuidade visual de 2/60 a 6/60 e/ou campo visual maior que 5 e menor que 20 graus.

5.2 ATLETISMO:

O Atletismo é uma das modalidades mais praticadas pelas pessoas com deficiência. O que contribui para a difusão da modalidade é o fácil acesso e a naturalidade dos movimentos, já que correr, saltar, lançar e arremessar, são ações que proporcionam a sobrevivência do Homem. (CBDV, 2015)

A modalidade faz parte do programa paralímpico desde a primeira edição dos jogos, em Roma, 1960. Tal modalidade segue a mesma lógica do esporte convencional para as pessoas com deficiência visual (cegos e com baixa visão). Somente algumas de suas regras são alteradas, para possibilitar a participação das pessoas que não recebem ou recebem de maneira muito limitada as informações visuais.

O atletismo para deficientes visuais tem as seguintes provas: corridas de velocidade (100, 200 e 400 metros), corridas de meio fundo (800 e 1500 metros), corridas de fundo (5000 e 10000 metros), corridas de revezamento (4x100 e 4x400 metros), corridas de pedestrianismo (provas de rua e maratona), saltos (triplo, distância e altura), arremessos e lançamentos (peso, dardo, disco e martelo) e provas combinadas (pentatlon - disco, peso, 100, 1500 e distância). (WINCKLER, et al. 2004)

As regras para as classes B1 e B2 são adaptadas pela Federação Internacional de Desportos para Cegos, e na classe B3 usa-se as mesmas regras da Federação Internacional das Associações de Atletismo.

Os atletas B1 utilizam um atleta-guia para sua condução. É o guia que conduz o atleta pela pista, evitando que invada a raia adversária. Eles são ligados através de uma cordinha pelo pulso ou pela mão. Em provas de campo, o guia posiciona o atleta, dando-lhe a direção. (CBDV, 2015)

O atleta B2 pode, opcionalmente, usar o guia; contudo, mesmo sem ele, tem direito a duas raias em provas de pista. Já o B3 não tem direito as duas raias, sendo as regras, as mesmas da federação internacional de atletismo. (CBDV, 2015)

De acordo com Winckler (2012), as classes para o atletismo são divididas entre 11, 12 e 13 em que:

- Classe 11: estão os atletas com cegueira que não apresentam percepção luminosa ou aqueles que tem a capacidade de perceber uma fonte luminosa, mas não conseguindo definir um optotico que apresente LogMar 2.6;
- Classe 12: atletas com baixa visão, que tenham acuidade visual entre 2.5 e 1.6 LogMar, e/ou campo visual de diâmetro menor que 5 graus;
- Classe 13: atletas com baixa visão, que apresentem acuidade visual variando entre LogMar 1.5 e 1.0 ou campo visual de até 20 graus.

5.3 CICLISMO:

O ciclismo paralímpico não difere muito do ciclismo convencional que conhecemos, em todos seus aspectos: o ciclista, a bicicleta e a competição. Para algumas deficiências as variações porém se fazem importantes. Atualmente no ciclismo paralímpico participam atletas com diferentes deficiências morfofuncionais, congênitas ou adquiridas, como por exemplo, amputações, tetraplegia, paraplegia, paralisia cerebral e deficientes visuais (CIVATTI, 2012).

Existe uma divisão dentro do ciclismo em provas de estrada e de pista, e dentro de cada prova os atletas são divididos em diferentes categorias de acordo com a deficiência e classe funcional.

5.3.1 Ciclismo de Estrada:

O Ciclismo de Estrada foi o precursor do esporte no programa dos Jogos Paralímpicos. Desde a edição de 1984, realizada nas cidades de Stoke Mandeville, na Inglaterra, e Nova Iorque, nos Estados Unidos, participantes testam seu desempenho em provas de contrarrelógio e resistência.

As provas de Estrada são disputadas tanto no masculino como no feminino, e por todas as classes funcionais. Há provas para atletas com deficiência visual, identificados pela letra B (do inglês Blind, ou cego em português) em que são utilizadas as bicicletas tandem, com um ciclista sem deficiência atuando como piloto, a exemplo do que acontece no atletismo.

A dinâmica das provas é parecida com a do Ciclismo Olímpico – as distâncias mínimas e máximas para as provas variam em função de cada classe. As provas de estrada são: resistência e contra o relógio.

5.3.2. Ciclismo de Pista:

Essa categoria dentro das provas de ciclismo é mais recente nas paralímpiadas, a competição em pista começou apenas nos Jogos de 1996, em Atlanta. Assim como na disputa olímpica, é dividido em provas de contrarrelógio, perseguição e velocidade.

Uma das bicicletas usadas nas provas de pista é a tandem, de dois lugares e que é usada pelos atletas com deficiência visual ou baixa visão, identificados pela letra B. Como nas provas de atletismo, existe um atleta-guia, que no caso do ciclismo chama-se piloto e fica no banco da frente.

Além dos atletas com deficiência visual, participam das provas de pista amputados, divididos em cinco classes. A adaptação das bicicletas pode variar do acionamento de freios e câmbios, até próteses e órteses voltadas para a competição – como as que seguram o guidom.

O formato de disputa muda de acordo com o evento, mas a dinâmica das provas é parecida com as das provas de pista olímpicas - o ciclismo paralímpico também tem suas regras feitas pela União Ciclista Internacional (UCI, em francês), mas a organização é de responsabilidade do Comitê Paralímpico Internacional (IPC).

As provas disputadas no ciclismo de pista são: contra o relógio e perseguição

5.4 FUTEBOL DE 5:

A participação do Futebol de 5 nos Jogos Paralímpicos ocorreu, pela primeira vez, em Atenas, 2004. Com vendas nos olhos para igualar as condições entre os atletas, os indivíduos com deficiência visual jogam com uma bola sonora (com guizos internos) e são orientados na quadra pelo técnico, chamador e goleiro (este sem deficiência visual) com o objetivo de marcar mais gols.

O futebol de 5 é exclusivo para cegos. As partidas normalmente são em uma quadra de futsal adaptada com uma banda lateral (barreira feita de placas de madeira que se prolonga de uma linha de fundo à outra, com um metro e meio de altura, em ambos os lados da quadra, evitando que a bola saia em lateral, a não ser que seja por cima desta), mas desde os Jogos Paralímpicos de Atenas também vem sendo praticado em campos de grama sintética, com as mesmas medidas e regras do futebol de salão.

Cada time é formado por cinco jogadores: um goleiro, que tem visão total e quatro na linha, totalmente cegos e que usam uma venda nos olhos para deixá-los todos em iguais condições, já que alguns atletas possuem um resíduo visual (vulto) que dão, nesta modalidade, alguma vantagem a estes.

Há ainda um guia e o Chamador, que fica atrás do gol adversário orientando o ataque de seu time, dando a seus atletas a direção do gol, a quantidade de marcadores, a posição da defesa adversária, as possibilidades de jogada e demais informações úteis. É o chamador que bate nas traves, normalmente com uma base de metal, quando vai ser cobrada uma falta, um pênalti ou um tiro livre.

Contudo, o chamador não pode falar em qualquer ponto da quadra, e sim, quando seu atleta estiver no terço de ataque. Este terço é determinado por uma fita (marcação) que é colocada na banda lateral, dividindo a quadra em três partes: o terço da defesa, onde o goleiro tem a responsabilidade de orientar; o terço central, onde a responsabilidade é do técnico e o terço de ataque, onde a responsabilidade da orientação é do chamador.

A modalidade, ao contrário do futebol convencional, deve ser praticada em um ambiente silencioso. A torcida, bastante desejada nesta modalidade, deve se manifestar somente quando a bola estiver fora do jogo: na hora do gol, em faltas, linha de fundo, lateral, tempo técnico ou qualquer outra paralização da partida.

A bola possui guizos, necessários para a orientação dos jogadores dentro de quadra. Daí a necessidade do silêncio durante o andamento da partida. Através do som emitido pelos guizos, os jogadores podem identificar onde ela está, de onde ela está vindo e podem conduzi-la.

5.5 GOALBALL:

O goalball é um dos esportes paralímpicos brasileiros que mais cresce atualmente, sendo um jogo dinâmico e cativante tanto para atletas quanto para os técnicos e espectadores.

É um esporte coletivo criado em 1946 pelo austríaco Hans Lorenze e o alemão Sett Haindell, como forma de reabilitação para os veteranos de guerra lesionados do órgão da visão durante o período de guerras. Diferente da maioria dos esportes paralímpicos, que foram adaptados dos esportes convencionais, o goalball foi criado especificamente para a pessoa com deficiência visual. (TOSIM, et. al. 2008)

É disputado em uma quadra de 18 metros de comprimento por 9 metros de largura, similar as dimensões de uma quadra de voleibol; As linhas de posicionamento dos jogadores, a linha do gol e algumas outras consideradas importantes para o posicionamento dos atletas, são marcadas por um barbante preso ao chão com fita adesiva, permitindo que o atleta possa se localizar sentindo através do tato as linhas; Possui três jogadores, sendo estes: um pivô, um ala esquerdo e um ala direito, no goalball todos os jogadores tem função de ataque e defesa. O gol tem 9 metros de largura por 1,30 metros de altura; A bola possui 1.250 gramas com oito guizos dentro; Todas as regras são em inglês, com o intuito de que a modalidade tenha um dialeto universal para maior facilidade de compreensão por parte dos atletas e espectadores nas competições em qualquer lugar do mundo.

No goalball, todos os atletas competem vendados independente da classe funcional que se encontra para que seja justo e igualitário já que não existe divisões de categorias e classes na competição.

5.6 JUDÔ:

O judô foi incluído no programa paralímpico nos Jogos de Seul, Coréia, 1988. Somente atletas cegos ou com baixa visão, classificados de acordo com a International Blind Sports Federation (IBSA), podem competir. As categorias são divididas por peso, não levando em consideração a classificação visual, logo, os atletas de diferentes classes visuais podem competir juntos. (GOMES, 2011) Judocas das três categorias oftalmológicas, B1 (cego), B2 (percepção de vulto) e B3 (definição de imagem) lutam entre si. O atleta B1 é identificado com um círculo vermelho em cada ombro do quimono.

O Judô Olímpico e Paralímpico possuem muitas similaridades, e apesar de suas peculiaridades, são extremamente próximos, pois carregam consigo a mesma essência e princípios norteadores de sua prática (CERQUEIRA, et al. 2012)

As regras nesta modalidade seguem as da Federação Internacional de Judô (FIJ), são poucos aspectos que diferem do judô convencional, sendo apenas algumas adaptações a fim de propiciar maiores condições e possibilidades para os atletas paralímpicos durante as competições: os atletas iniciam a luta com a pegada feita (um segurando no quimono do outro), não há punição quando os atletas ultrapassam os limites da área de combate; um dos árbitros é encarregado de acompanhar os atletas desde a entrada no tatame, até o centro, local de início da luta; o árbitro também deve conduzir e manter o contato constante entre os competidores., a luta é interrompida quando os oponentes perdem o contato.

5.7 NATAÇÃO:

A natação paralímpica está no programa de competições desde a primeira Paralimpíada, em Roma, no ano de 1960, porém contou a princípio apenas com deficientes físicos (CBDV, 2015).

Apenas em 1980 na Holanda, que atletas cegos e com baixa visão puderam competir nas primeiras provas oferecidas no Programa Paralímpico. O Brasil entrou no quadro de medalhas em 1984 em Stoke Mandeville, na Inglaterra (ABRANTES, 2012).

Na natação paralímpica existem diferentes classes funcionais e categorias de acordo com a deficiência do atleta, a natação paralímpica possui dentre os atletas aptos a competir indivíduos com deficiência física, visual e intelectual. As classes para os deficientes visuais vão de S11 a S13, onde quanto maior for a deficiência, menor será o número da classe.

As provas são no estilo livre, peito, costas e borboleta, sendo dos 50m aos 400m no estilo livre e dos 50m aos 100m nos estilos peito, costas e borboleta. O medley é disputado em provas de 150m e 200m. As provas são divididas na categoria masculino e feminino, seguindo as regras do IPC Swimming, órgão responsável pela natação no Comitê Paraolímpico Internacional. Contudo, em competições nacionais ou até como apresentação, qualquer distância pode ser feita entre estes deficientes, inclusive, travessias (CBDV, 2015).

As regras gerais são as mesmas da natação convencional com algumas adaptações, especialmente quanto as saídas, viradas, chegadas. Os nadadores cegos recebem um aviso do “tapper”, por meio de um bastão com uma ponta de espuma, quando estão se aproximando das bordas. Aqueles que são cego total, S11, necessitam competir com um óculos opaco. A largada também pode ser feita na água, no caso de atletas de classes mais baixas, que não conseguem sair do bloco. As baterias são separadas de acordo com o grau e o tipo de deficiência.

A piscina segue as mesmas especificações das Olimpíadas, possuindo 50 metros de comprimento, 25 metros de largura e no mínimo 2 metros de profundidade.

6. RESULTADOS:

6.1 Atletismo Paralímpico:

Na modalidade Atletismo Paralímpico foi encontrado um total de vinte e sete artigos, o primeiro trabalho relatado data o ano de 1980 e tem local desconhecido, o ano do último estudo encontrado é 2015. O tema mais estudado diante dessa modalidade é a lesão esportiva, seguida por treinamento e avaliação dos atletas. Foram excluídos da atual revisão os artigos que se tratavam do atletismo para deficientes físicos, amputados e idosos que também apareceram diante da pesquisa com as palavras chaves que foram utilizadas para a busca. Buscando manter o foco apenas nos deficientes visuais, restou então um total de nove trabalhos que são descritos no quadro abaixo.

Tabela 1 – Atletismo paralímpico.

Autores	População	Tema estudado	Métodos	Principais resultados
MARQUETA, M. P.; MARTÍNEZ, A.D. M.; FERNÁNDEZ, S. R.; MARTÍNEZ, S. F.; MEDINA, A. J.; VELA, L. A.; SALILLAS, G. L. Zaragoza, 2005.	34 atletas da seleção espanhola de atletismo do comitê paralímpico espanhol, sendo 28 homens e 6 mulheres. Destes, 17 atletas cegos, 8 deficientes físicos e 8 paralisados cerebrais.	Incidência de lesões em competições de atletismo de alto rendimento para atletas paralímpicos.	Estudo de caso a partir das consultas médicas dos atletas paralímpicos de atletismo. Foi considerado como lesão qualquer circunstância que afete o aparelho locomotor motivando o atleta a uma consulta médica.	As lesões mais frequentes são recorrentes de sobrecarga muscular, as que mais se destacam são: músculos adutores, músculos do dorso lombar, isquiotibiais e cintura escapular.

<p>SILVA, M. P. M.; DUARTE, E.; SILVA, C. A. A.; SILVA, V. P. G. H.; VITAL, R. Campinas, 2011.</p>	<p>Participaram da pesquisa atletas de elite, de ambos os sexos, com deficiência visual, constituindo um total de 131 atletas convocados para representar a delegação brasileira em competições internacionais, no decorrer dos anos de 2004 a 2008, nas modalidades de: atletismo, futebol de 5, <i>goalball</i>, judô e natação.</p>	<p>Análise da frequência das lesões esportivas em atletas com deficiência visual, além de identificar as áreas corporais mais lesionadas, o mecanismo das lesões esportivas, as principais lesões esportivas que acometem os atletas com deficiência visual e verificar se o grau de deficiência visual apresenta relação com a incidência de lesões esportivas.</p>	<p>A pesquisa foi baseada na coleta de dados de competições internacionais. Os dados foram coletados a partir de modelo utilizado pela coordenação medica do Comitê Paralímpico Brasileiro e da Confederação Brasileira de Desporto para Cegos, composto dos seguintes dados: nome, modalidade, idade, classificação visual (B1, B2, B3), local de lesão e diagnostico da lesão.</p>	<p>Variedade de regiões corporais afetadas, e estruturas como músculos biarticulares (na região da coxa), articulações com maior grau de liberdade e mais instáveis (ombro e joelho) são também as com maior frequência de lesão. Os principais diagnósticos encontrados foram tendinopatias, contraturas e contusões. As lesões musculares e tendinosas são as mais frequentes em atletas no meio paralimpico. As lesões contusas podem estar relacionadas com a deficiência visual, que deixa os atletas mais vulneráveis a</p>
--	--	--	--	---

				colidir com outros jogadores, com barreiras na área de treinamento e competição.
SILVA, A.; QUEIROZ, S. S.; WINCKLER, C.; VITAL, R.; SOUSA, R. A.; FAGUNDES, V.; TUFIK, S.; MELLO, M. T. Br J Sports Med, 2012.	27 atletas paralímpicos de ambos os sexos, 16 homens e 11 mulheres que competem nas provas de atletismo e foram selecionados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro para os Jogos de Pequim 2008.	Avaliar a qualidade do sono, sonolência, cronotipo e o nível de ansiedade dos atletas paralímpicos brasileiros antes dos Jogos Paralímpicos de Pequim 2008.	Estudo transversal, as medidas de qualidade de sono foram avaliadas através da Escala de Pittsburgh e da Epworth Sleepiness Scale, foram aplicados questionários de avaliação de ansiedade. Todos os testes foram realizados no Brasil 10 dias antes da competição.	Os dados apontam que 83,3% dos atletas apresentam sonolência durante o dia e má qualidade de sono a noite. A maioria dos atletas apresentam má qualidade de sono nos dias que antecedem a competição.
SILVA, A.; MATTIELLO, M. S.; PETERSON, R.; ZANCA, G. G.; VITAL, R.; ITIRO, R.; WINCKLER, C.; ROCHA, A. E.; TUFIK, S.; MELLO, T. M. Revista	34 atletas da delegação brasileira de atletismo paralímpico, destes, 28 homens, 6 mulheres, sendo 10 atletas guias, 17 deficientes físicos e 7	Descrever o perfil das queixas musculoesqueléticas, localização anatômica e recursos fisioterápicos utilizados durante o	Foram feitos registros de todos os atendimentos do setor de fisioterapia, diariamente, com as queixas apresentadas, localização anatômica e os	As principais queixas foram as mialgias, seguida pelas artralgias. As regiões mais referidas nas queixas dos atletas foram na coxa, seguida pelo joelho. No total foram

Brasileira de Medicina do Esporte, 2013.	deficientes visuais.	Mundial Paralímpico de Atletismo de 2011.	recursos utilizados para melhora dos sintomas apresentados.	realizados 428 atendimentos fisioterapêuticos. Os recursos terapêuticos mais utilizados foram: o ultrassom TENS, da crioterapia.
SILVA, A.; MATTIELLO, S. M.; PETERSON, R.; ZANCA, G. G.; VITAL, R.; ITIRO, R.; WINCKLER, C.; ROCHA, E. A.; TUFIK, S.; MELLO, M. T. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 2013.	Delegação brasileira de atletismo paralímpico, constituída por 34 atletas, sendo 28 homens e 6 mulheres, 10 atletas guias, 7 deficientes visuais e os outros 17 atletas com deficiência física.	Descrever o perfil das queixas musculoesqueléticas, suas localizações anatômicas, E os recursos fisioterapêuticos utilizados durante o Campeonato Mundial Paralímpico de Atletismo de 2011.	Registro de todos os tratamentos realizados pelo departamento de fisioterapia, foram analisados também as queixas musculoesqueléticas por parte dos atletas, a área anatômica mais afetada e os recursos fisioterápicos utilizados pela equipe.	Realizado ao final da competição um total de 428 serviços fisioterapêuticos, dos quais, 258 no hotel e 170 no local da competição, mantendo uma média de 20 atendimentos por dia. A maioria das queixas aconteceram durante os 7 primeiros dias, os locais anatômicos mais recorrentes de queixas foram as coxas, seguido pelos joelhos.
SILVA, M. P. M.; WINCKLER, C.; SILVA, A.	40 atletas de elite deficientes visuais, sendo 12 mulheres e	Definir o padrão de lesões em atletas paralímpicos	Estudo descritivo observacional, analítico	O atletismo paralímpico é considerado uma modalidade

A. C.; BILZON, J.; DUARTE, E. American College of Sports Medicine, 2013.	28 homens, destes 14 atletas B11, 15 B12 e e 11 B13.	deficientes visuais da modalidade atletismo, avaliando a diferença entre as classes visuais e sexo.	epidemiológico.	de baixo risco de lesões quando comparado a outras modalidades esportivas, porém ainda assim a incidência de lesões nos atletas avaliados foi de 1,93 lesões no período observado.
DIJKSTRA, H. P.; POLLOCK, N.; CHAKRAVERTY, R.; ALONSO, J. M. Br Journal of Sports Medicine, 2014.		Importância da equipe multidisciplinar, e necessidade de levar em consideração a equipe de medicina esportiva em atletas de elite do atletismo paralímpico em situações de lesões. Descrever um modelo pragmático para a estruturação de médicos e serviços de apoio a ciência para os atletas em questão.	Revisão de literatura dos últimos 10 anos acerca das lesões no atletismo paralímpico e observação das equipes médico esportivas junto com as demais áreas da equipe multidisciplinar de treinamento e saúde dos atletas.	Importância do olhar crítico sobre a organização dos serviços de apoio ao atleta, a tomada de decisão diante das lesões deve ser feito levando em consideração toda a equipe multidisciplinar e não apenas o olhar do próprio atleta ou do treinador.
ESTEVES, M. A.; SILVA,	Avaliados 49 atletas	Avaliação da qualidade de	Os atletas responderam a	A maioria dos atletas relatou

A.; BARRETO, A.; CAVAGNOLLI, A. D.; ORTEGA, A. S. L.; PARSONS, A.; TUBIBA, R. E.; BARRETO, M.; WINCKLER, C.; TUFIK, S.; MELLO, T. M. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 2015.	paralímpicos brasileiros de ambos os sexos, portadores de deficiência visual e física, participantes das modalidades natação (n=20) e atletismo (n=29).	vida e do sono de atletas paralímpicos brasileiros.	questionários que avaliaram o padrão e as queixas de sono e qualidade de vida.	má qualidade de sono, 50% dos atletas relataram o desejo em mudar o horário de sono.
---	--	--	---	--

6.2 Ciclismo Paralímpico:

Foi encontrado a partir do ano de 2008 na Alemanha apenas três estudos sobre o ciclismo paralímpico, o último deles é datado de 2014, porém nenhum deles se mostra pertinente ao atual trabalho, pois nenhum diz respeito a deficientes visuais, os artigos encontrados englobam outras classes, dois deles sendo a respeito de paralisados cerebrais, e o outro um relato de caso com uma deficiente físico motora.

6.3 Futebol de cinco:

Foram encontrados oito artigos, sendo o primeiro realizado no ano de 2010 no Brasil, e o último no ano de 2014. A maioria dos estudos (43%) abordam como tema principal a avaliação dos atletas, 29% a psicologia, e os outros 28% divididos entre lesão esportiva e aspectos socioculturais. Todos os oito artigos encontrados são descritos na tabela a seguir.

Tabela 2 – Futebol de cinco.

Autores	População	Tema estudado	Métodos	Principais resultados
RANIERI, P. L.; BARREIRA, A. R. C. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, 2010.	4 atletas com deficiência visual.	Análise da superação esportiva vivenciada por atletas com deficiência visual.	Entrevista individual buscando os momentos significativos na vida dos atletas anteriormente e após o início da prática esportiva.	A superação através do esporte pode ser vista como uma dinâmica singular de vivências que se empenham junto a um obstáculo.
MORATO, P. M.; GOMES, P. S. M.; SCAGLIA, J. A.; ALMEIDA, G. J. J. Revista Movimento, 2011.	10 participantes, 6 atletas de futebol de 5 e 4 técnicos.	Descreve e analisa os contextos e personagens responsáveis pelo desenvolvimento do futebol para cegos no Brasil.	Investigação qualitativa de caráter descritivo e analítico, Para tal, foi utilizada a entrevista semi-estruturada junto a dez participantes da modalidade.	Os símbolos valorizados pela cultura do país, como os ídolos e os clubes atuam motivando os atletas a prática esportiva a partir da cultura que ele está inserido, no caso do Brasil, o futebol.
DÉA, D. S. H. V.; DUARTE, E.; GORLA, I. J.; INÁCIO, D. L. H.; CASTRO, P. A. Revista Pensar a	16 atletas pré convocados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro para participar	Estado de humor dos atletas do Futebol de cinco momentos antes da seleção	Foi aplicado questionário <i>Profile Mood States</i> , que avalia de forma rápida e	Foram observados distúrbios em todos os atletas com visão normal,

Prática, 2011.	das Paralimpíadas de Pequim, 13 atletas com deficiência visual e 3 atletas videntes (goleiros).	dos atletas que representaram o Brasil nas paralimpíadas de Pequim.	com fácil aplicação 6 estados de humor diferentes.	sendo dois no nível de tensão e um no nível de vigor. Nos atletas com deficiência visual, 38,5% apresentou alterações nos estados de humor.
SANTOS, N. C.; SILVA, P.; FELÍCIO, R. L.; MAINENTI, M. R. M.; VIGÁRIO, S. P. Cadernos Unisuam de Pesquisa e Extensão, Rio de Janeiro, 2013.	8 atletas de futebol de cinco e 15 atletas videntes de futsal ou futebol society.	Avaliar a capacidade cardiopulmonar em esforço de atletas de futebol de cinco.	Estudo seccional, todos os participantes foram submetidos a um teste cardiopulmonar de esforço em esteira rolante com incrementos sucessivos de 1km/h a cada minuto.	Os resultados preliminares indicam que os atletas de futebol de cinco apresentam capacidade cardiopulmonar em esforço inferior a atletas videntes que treinam e competem em modalidades esportivas com características semelhantes
CAMPOS, L. F. C. C.; SILVA, A. A. C.; SANTOS, L. G. T. F.; COSTA, L. T.; MONTAGNER, P. C.; BORIN, J. P.; ARAÚJO, P. F.; GORLA, J. I. Revista Andaluza de	6 atletas de futebol de 5 - quatro jogadores de linha, com classificação funcional B1 e dois goleiros sem deficiência	Analisar o efeito de 16 semanas de treinamento sobre os parâmetros de aptidão física e composição corporal de	Os atletas foram submetidos a duas avaliações: antes e depois de 16 semanas de treinamento. Mediram os	As 16 semanas de treinamento foram suficientes para mostrar melhorias significativas nos componentes de aptidão

Medicina do Esporte, 2013.	visual.	atletas da equipe de futebol de 5 brasileiro.	níveis de aptidão cardiorrespiratória através da 20m Shuttle Run e os parâmetros anaeróbios através do Teste de Rast, e a composição corporal dos sujeitos foi avaliada pela técnica antropométrica.	aeróbia e anaeróbia dos jogadores da equipe de futebol de 5 do Brasil.
SILVA, M. P. M.; MORATO. P. M.; BILZON, J. L. J.; DUARTE, E. Journal of Sports Medicine, 2013.	13 atletas masculinos de futebol de 5, classificados como B1.	Avaliar as características e lesões de prevalência em atletas com deficiência visual da equipe brasileira de futebol de 5.	Estudo descritivo e observacional analítico epidemiológico.	Dos 13 atletas analisados, 11 sofreram algum tipo de lesão durante as 5 competições em questão, com um total de 35 lesões esportivas registradas de 2004 a 2008.
SAMPAIO, E. J.; LAGO, C.; GONÇALVES, B.; MAÇÃS, M. V.; LEITE, N. Science Medicine Sports, 2014.	24 homens jogadores de futebol para cegos.	Comparar as variáveis de tempo de movimento, frequência cardíaca e comportamento tático dos	Estudo de campo transversal, os dados foram recolhidos através do sistema de	Todas as variáveis analisadas foram modificadas de acordo com as mudanças de protocolo

		jogadores de acordo com ritmo de jogo, status (ganhar ou perder) e desequilíbrio da equipe.	posicionamento global no jogo de futebol de 5.	adotadas de mudança de ritmo de jogo, status e desequilíbrio das equipes em jogo.
CAMPOS, C. C. F. L.; BORIN, J. P.; SANTOS, F. T. G. L.; SOUZA, F. M. T.; PARANHOS, S. M. V.; TANHOFFER, A. R.; LUARTE, R. C.; GORLA, J. I. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 2015.	11 atletas deficientes visuais com classificação funcional B1 que integram a seleção brasileira de futebol de 5.	Avaliação isocinética em atletas da seleção brasileira de futebol de 5. Avaliar os níveis de torque máximo, diferença bilateral na produção de força e razão convencional das musculaturas flexoras e extensoras do joelho em diferentes velocidades.	Os atletas realizaram inicialmente uma avaliação antropométrica, depois, os atletas foram submetidos ao protocolo no dinamômetro isocinético (Biodex System 4, Biodex Medical Systems, USA) para a mensuração dos parâmetros neuromusculares e déficits bilaterais da musculatura extensora e flexora dos joelhos, em diferentes velocidades de execução.	Nos movimentos concêntricos da musculatura flexora foram observadas diferenças significativas no pico de torque entre os membros dominante e não dominante.

6.4 Goalball:

Total de quarenta e oito estudos encontrados através da pesquisa nas bases de dados escolhidas, com o primeiro relatado no ano de 2000 no Brasil e o último ano estudado 2015. Foram excluídos do presente trabalho cinco artigos que não se mostraram pertinentes a modalidade em questão, doze artigos não estavam disponível on-line, são então apresentados na tabela a seguir um total de vinte e seis artigos. A maior incidência de temas estudados diante do Goalball está na avaliação física, seguido por inclusão, aspectos do jogo e psicologia.

Tabela 3 – Goalball

Autores	População	Tema estudado	Métodos	Principais resultados
SILVA, G. C.; SILVA, I. F.; PEREIRA, V, R. Arquivo de Ciência e Saúde Unipar, 2000.		Analisar os indicadores de da utilização do esporte como meio de desenvolvimento psicomotor de pessoas com deficiência visual.	Revisão de literatura.	O desenvolvimento motor para pessoas com deficiência visual deve ser estimulado desde muito cedo, principalmente no ambiente escolar e familiar, a escola deve ser então o local onde encontrarão uma orientação para aprimorar as vivências motoras.
RODRIGUES, Natércia.	7 treinadores de goalball, 22		Estudo quantitativo com	Os treinadores apresentam

Portugal 2002	atletas de goalball, 6 atletas de futebol e 22 não praticantes de exercício físico.	Identificar o estado de conhecimento sobre o Goalball entre treinadores da modalidade. Comparar os níveis de aptidão motora, em relação às capacidades de tempo de reação erros de resposta, equilíbrio estático e dinâmico e orientação espacial, em função da prática ou não do Goalball,	características também descritivas, aplicação de questionários em 7 treinadores. Os atletas de goalball e não atletas totalizaram 50 indivíduos que passaram por uma avaliação de performance motora.	uniformidade diante dos conceitos sobre goalball, os indivíduos praticantes de goalball apresentam avaliação desportiva motora superiores aos não atletas. O goalball influencia positivamente na melhora do equilíbrio estático e dinâmico, assim como no tempo de reação.
ÇOLAK, T. Ç.; BAMAÇA, B.; AYDINB, M.; MERİÇ, B.; OZBEKA, A. Isokinetics and exercise Science, Holanda, 2004.	103 crianças com idades entre 13 e 15 anos com diferentes graus de deficiência visual, todos os participantes do sexo masculino.	Verificar o efeito da prática de goalball sobre a coordenação motora de crianças.	Todos os participantes foram submetidos a avaliação da coordenação motora através de testes de equilíbrio, pega, flexibilidade, salto vertical, isocinético	Diferenças significativas nos aspectos avaliados entre praticantes e não praticantes de goalball, os não jogadores se apresentaram inferiores aos demais em todos os aspectos avaliados, mostrando que a

			concêntrico e pico de torque.	prática do goalball é uma importante ferramenta para deficientes visuais em questões físicas e motoras.
AYDOG, E; AYDOG, S. T.; ÇAKCI, A; DORAL, M. N. nt J Sports Med, 2006.	Vinte atletas de goalball, 8 mulheres e 12 homens com deficiência, com idade entre 19 e 38 anos e 20 indivíduos no grupo controle, entre eles haviam videntes e não videntes, sedentários e não sedentários.	Avaliar estabilidade postural dinâmica de jogadores de goalball, comparando com um grupo de sedentários.	O sistema de avaliação utilizado foi o Biodex, três estudos de avaliação e três testes, os indivíduos videntes realizaram os testes de olhos abertos e fechados.	Não houveram diferenças significativas quanto a valores ligados a antropometria entre o grupo de deficientes visuais e videntes, os resultados dos testes dinâmicos de estabilidade mostraram que os sedentários cegos apresentaram os piores valores e os videntes quando estavam com os olhos abertos obtiveram os melhores resultados. Não houveram diferenças significativas ao comparar os cegos praticantes de goalball, cegos sedentários e os videntes quando estavam

				com os olhos fechados.
STAMOU, E.; THEODORAKIS, Y.; KOKARIDAS, D.; PERKOS, S.; KESSANOPOULOU, M. British Journal of Visual Impairment, Grécia, 2007.	Seis atletas do sexo feminino com idades entre 26 e 40 anos, todas pertencentes a equipe nacional de goalball da Grécia que representaram o país nos Jogos Paralímpicos de 2004.	Examinar a preferência e eficácia entre os dois tipos de “auto-fala” para os deficientes visuais praticantes de goalball (instrucional ou motivacional) durante as cobranças de “pênalti”	Durante os jogos de goalball das Paralímpicas de 2004, foram feitos testes em que as atletas utilizavam da “auto-fala” de forma instrucional ou motivacional nos momentos de pênalti e pausas.	Não houveram dados significativos, porém todos os experimentos demonstraram um benefício quando utilizado a “auto-fala” de motivação e instrução diante das tarefas que lhes eram pedidas durante os pênaltis.
TOSIM, A.; PEROTTI, A. J.; LEITÃO, K. T. M.; SIMÕES, R., Brasil 2008		O trabalho busca discorrer sobre os sistemas técnicos e táticos do goalball.	Revisão de literatura e relatos de experiência com atletas e técnicos da modalidade.	Subsídios para professores de educação física incluírem o ensino do goalball seja com finalidade educacional, recreacional ou competitiva
TOSIM, A.; RODRIGUES, G. M.; MENDONÇA, M. A. B. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte,	3 jogadores de goalball pertencentes a categoria adulto amadora.	Analisar percepção auditiva e tátil de atletas de Goalball durante situação de jogo.	Estudo de caso descritivo qualitativo com análise de dados por estatística simples na qual foi	Existe relação entre a classificação funcional e o histórico motor que os atletas apresentam com a seleção da

2008.			realizada a filmagem de uma equipe de Goalball.	percepção tátil e sonora.
NOGUEIRA, C. R.; SHIBATA, J.; GAGLIARDI, J. F. L. 2009	20 pessoas participaram do estudo, sendo 10 atletas de goalball e 10 de atletismo todos deficientes visuais.	Comparar o equilíbrio estático e dinâmico de pessoas com deficiência visual praticantes de goalball e atletismo.	Dois testes de equilíbrio estático e mais dois de equilíbrio dinâmico.	O teste de equilíbrio dinâmico apresentou diferenças significativas entre os dois grupos, enquanto o teste de equilíbrio estático não foi significativo, concluiu-se que as especificidades do jogo de goalball interferiu diretamente no equilíbrio dinâmico.
KARAKAYA, I. Ç.; AKI, E.; ERGUN, N. Perceptual and motor skills, Estados Unidos, 2009.	28 deficientes visuais jogadores de goalball (20 meninos e 8 meninas) e 27 (16 garotos e 11 meninas) adolescentes deficientes visuais sedentários.	Comparação da aptidão física de jogadores de goalball com um grupo menos ativos de adolescentes.	Foi utilizado o teste manual de aptidão física Brockport. Foram considerados idade, peso, altura, sexo, realizado testes de composição corporal, função musculoesquelética e função aeróbia dos	Força e resistência dos grupo de indivíduos praticantes de goalball tem melhores resultados, as funções musculoesqueléticas avaliadas não tiveram diferenças significantes entre os dois grupos.

			indivíduos.	
SILVA, M. P. M.; SILVA, H. G. P. V. Revista Ciência e Saúde, Porto Alegre, 2009.	12 atletas de goalball, 6 do sexo feminino e 6 masculino.	Caracterizar o perfil das lesões esportivas nos atletas de goalball, durante o período de treinamento e os Jogos Panamericanos da IBSA 2009.	Coleta de dados foi utilizado a ficha de atendimento utilizada pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro, que apresenta os seguintes dados: nome, idade, classificação visual, tipo de lesão, local, diagnóstico, tratamento.	Dos 12 atletas apenas 1, do sexo feminino, não referiu nenhum sintoma de lesão esportiva. Durante os dois períodos de treinamento e o de competição foram identificadas 52 lesões, sendo uma média de 4,72 lesões por atleta. As lesões por acidente esportivo representaram 53,85% enquanto 46,15% foram por sobrecarga. membro inferior é a região corporal mais acometida. As lesões por acidente esportivo foram as mais frequentes. Com relação ao diagnóstico as lesões foram representadas principalmente

				por contusões, estiramento, escoriações.
SILVA, G. P.; PEREIRA, V. R.; DEPRÁ, P. P.; GORLA, J. I., Brasil, 2010	9 atletas de goalball que integram a equipe brasileira.	O goalball é um esporte coletivo criado para pessoas cegas e deficientes visuais. O objetivo do estudo foi analisar o comportamento motor de jogadores de goalball, de ambos os sexos, para avaliar a influência do tempo de reação na eficiência das ações de defesa.	Caracterizou-se como do tipo descritivo, envolvendo variáveis que buscaram descrever e estudar o tempo de reação e a eficiência dos avaliados.	Os valores de tempo de reação nos participantes avaliados independente do gênero estão dentro dos padrões já apresentados por pesquisadores, o treinamento contínuo e maior número de repetições deve inferir positivamente na diminuição do tempo de reação.
AMORIM, M.; CORREDEIRA, R.; SAMPAIO, E.; BASTOS, T.; BOTELHO, M. Universidade do Porto, 2010		Conhecer o maior número de informações acerca da modalidade, tentando compreender a dinâmica do jogo e os benefícios que o esporte traz para	Revisão de literatura acerca da modalidade goalball afim de buscar as particularidades dos aspectos técnicos e táticos e sistemas	Grande diferença das capacidades motoras avaliadas (tempo e tomada de decisão, flexibilidade, consciência corporal, lateralidade, coordenação motora, etc.) entre

		seus praticantes.	ofensivos e defensivos.	os deficientes visuais praticantes e não praticantes de goalball.
SILVA, M. P. M.; DUARTE, E.; SILVA, C. A. A.; SILVA, V. P. G. H.; VITAL, R. Campinas, 2011.	131 atletas com deficiência visual, de ambos os sexos, integrantes da seleção brasileira nas modalidades de atletismo, futebol de 5, <i>goalball</i> , judô e natação, em competições internacionais, entre os anos de 2004 e 2008, foram 42 atletas do sexo feminino e 89 do sexo masculino.	Analisar a frequência das lesões esportivas em atletas com deficiência visual, e identificar as áreas corporais mais lesionadas, o mecanismo das lesões esportivas, as principais lesões esportivas que acometem os atletas com deficiência visual e verificar se o grau de deficiência visual apresenta relação com a incidência de lesões esportivas.	Os dados foram coletados a partir de modelo utilizado pela coordenação médica do Comitê Paralímpico Brasileiro e da Confederação Brasileira de Desporto para Cegos, composto dos seguintes dados: nome, modalidade, idade, classificação visual, local de lesão e diagnóstico da lesão.	Com relação a classificação visual, atletas B1 lesionam mais que B2 e esses mais que B3; porém, só foi encontrada diferença significativa entre os atletas B1 e B3. Foi encontrado valores próximos entre lesões por acidente esportivo e sobrecarga. A respeito dos segmentos corporais, os membros inferiores foram mais acometidos. Foram encontrados 21 diferentes diagnósticos, sendo mais frequentes as tendinopatias, contraturas e contusões.

<p>SCHERER, R. L.; RODRIGUES, L. A.; FERNANDES, L. L. Revista Pensar a Prática, 2011.</p>	<p>42 atletas homens e 37 mulheres participantes da Copa Brasil de Goalball serie A 2007.</p>	<p>Verificar a relação entre a prática do goalball e a orientação e mobilidade das pessoas com deficiência visual</p>	<p>Estudo descritivo exploratório. Foram aplicados 79 questionários com os atletas de goalball participantes da Copa Brasil de Goalball, no ano de 2007.</p>	<p>A contribuição do goalball na orientação e mobilidade, sob a perspectiva dos atletas, foi positiva, sendo de suma importância para o desenvolvimento motor e também para a reabilitação da pessoa com deficiência visual, pois desenvolve percepções sensório-motoras como audição e tato, além de aguçar a noção espacial e aumentar os níveis de concentração.</p>
<p>CALISKAN, E.; PEHLIVAN, A.; ERZEYBEK, M. S.; KAYAPINAR, F. C.; AGOPYAN, A.; YUKSEL, S.; DANE, S. Neurology,</p>	<p>24 garotos e 22 meninas com idades entre 10 e 15 anos deficientes visuais.</p>	<p>Comparar durante 3 meses a diferença do percentual de gordura e índice de massa corporal de crianças deficientes visuais praticantes de goalball.</p>	<p>Prática de goalball durante 3 meses, 3 vezes por semana, totalizando em 54 horas de prática da atividade. Foram realizadas medidas</p>	<p>A prática de Goalball pelas crianças foi eficaz para educação de movimento e redução da gordura corporal, com consequente melhora do IMC.</p>

Psychiatry and Brain Research. 2011.			antropométricas antes e depois da prática de goalball.	
MOVAHEDI, A.; MOJTAHEDI, H.; FARAZYANI, F. Research in Developmental Disabilities, 2011.	51 estudantes atletas e 56 não atletas, todos com deficiência visual entre 13 e 19 anos.	O objetivo do estudo foi verificar se houve diferença de socialização entre adolescentes deficientes visuais praticantes de goalball e não atletas.	Foi utilizado a Escala de Maturidade Social da Weitzman (1949) para avaliar o nível de desenvolvimento social dos participantes.	Os indivíduos praticantes de goalball apresentaram maiores níveis de socialização com os demais indivíduos.
MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; ALMEIDA, J. J. G. Florianópolis, 2012.	Equipes de goalball participantes das Paralímpias de 2008.	Observar e interpretar os padrões e processos auto organizacionais do goalball.	Observação de 20 jogos da Paralímpias de 2008, distinção do ciclo de organização de cada equipe analisada.	O sistema de jogo do goalball é representado pelo conjunto de sequências de jogo (ataque de uma equipe/defesa de outra/resultado), ou melhor, pelo histórico das relações entre as dimensões opostas das equipes, forjado no tempo delimitado pela manutenção dessa interação.

<p>SCHERER, R. L.; KARASIAK, F. C.; SILVA, S. G.; PETROSKI, E. L. Brasil, 2012.</p>	<p>Sete atletas de goalball do sexo masculino e cinco do sexo feminino, todos deficientes visuais pertencentes a Associação de Santa Catarina de Esportes Adaptados.</p>	<p>Determinar e comparar o perfil morfológico de atletas de goalball da Associação de Santa Catarina de Esportes Adaptados.</p>	<p>Foram realizadas medidas antropométricas de peso, altura, perímetros corporais e dobras cutâneas.</p>	<p>Os atletas avaliados apresentaram um perfil morfológico bem similar entre eles, mostrando uma heterogeneidade nas medidas avaliadas, as atletas do sexo feminino apresentaram maiores índices de gordura corporal.</p>
<p>MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, A. B. Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, 2012.</p>	<p>Quatro atletas com deficiência física ou visual, e quatro dirigentes atuantes em funções técnicas ou funções administrativas do Comitê Paralímpico Brasileiro.</p>	<p>Investigar e delimitar formas de interação e disputas sociais presentes no movimento paralímpico brasileiro, relativos aos processos de classificação de atletas, com base em conceitos de Pierre Bourdieu.</p>	<p>Entrevistas semiestruturadas com quatro atletas (com deficiência física ou visual, praticantes de diversas modalidades: natação, goalball, rugby e basquete em cadeira de rodas) e quatro dirigentes (2 atuantes em funções técnicas e 2 em funções administrativas do</p>	<p>Os protocolos de classificação, assim como a atuação e formação de novos classificadores, são motivo de tensões sociais neste espaço; Os classificadores exercem importante poder simbólico no subcampo; Demais agentes, como treinadores e atletas, têm suas possibilidades de ascensão diminuídas por condições sociais desfavoráveis.</p>

			Comitê Paralímpico Brasileiro). A análise de dados apoiou-se no método Discurso do Sujeito Coletivo e suas ferramentas metodológicas.	
CAGNO, A.; JULIANO, E.; AQUINO, G.; FIORILLI, G.; BATTAGLIA, C.; GIOMBINI, A.; CALGANO, G. Research in Developmental Disabilities, 2013.	30 participantes deficientes visuais do sexo masculino, 17 jogadores de goalball e 13 não jogadores.	Avaliar as diferenças no bem-estar psicológico, distúrbios psicológicos sintomáticos e participação social de indivíduos cegos praticantes de goalball e não praticantes.	Foram aplicados três questionários validados de auto relato, para avaliar nível de participação social, bem estar psicológico e distúrbios psicológicos.	A análise estatística mostraram diferenças globais significativas entre os dois grupos em suas respostas aos três questionários, todos os resultados encontrados foram melhores para o grupo praticantes de goalball do que para o grupo controle.
COSTA, M. C.; SOUZA, V. J.; ANJOS, J., Brasil, 2013	5 alunos do Núcleo de Esportes Paraolímpico e Adaptados (NEPA), sendo 3 com cegueira adquirida e 2 com cegueira	Aprimoramento das técnicas ofensivas e defensivas do jogo de goalball em decorrência da	Relato de experiência sobre atividades desenvolvidas na prática de goalball no Núcleo de	A prática da modalidade esportiva goalball teve importante influência no desenvolvimento da percepção

	congenita. Todos do sexo masculino que treinavam goalball.	percepção auditiva, espacial e gestos motores.	Esportes Paralímpicos e Adaptadas (NEPA).	auditiva, orientação espacial, além da técnica e tática perante ao jogo.
OLIVEIRA, C. H. S.; PRADA, A. B.; BOATO, E. M.; SILVA, J. V. P.; SAMPAIO, T. M. V.; CAMPBELL, C. S. G. Revista Pensar a Prática, Goiânia, 2013.	10 atletas com deficiência Visual (9 homens e 1 mulher), integrantes da Seleção de Brasília, selecionados aleatoriamente.	Analisar a percepção de atletas de goalball sobre os benefícios desta modalidade.	Pesquisa descritiva foi realizada uma entrevista estruturada composta por um formulário de 8 questões fechadas.	O goalball configurou-se como uma importante oportunidade de inserção social, resultando em contribuições psicológicas e sociais, além de possibilitar maior mobilidade e autonomia, melhora no humor e desenvolvimento social.
ALMEIDA, G. J. J.; BORGMANN, T., Brasil 2014		Formas de inserção do esporte paralímpico e esporte adaptado nas escolas.	Revisão bibliográfica de artigos originais acerca do tema Esporte Paralímpico nas escolas.	A inserção do esporte paralímpico nas escolas tem efeito positivo nos aspectos de inserção do esporte na escola e inclusão de alunos com deficiência.
BADILLA, P. A. V.;	11 atletas de goalball da região	Mensurar somatotipo,	Estudo experimental	Os resultados apontam para

<p>CUMILLAF, A. E. R. G.; VELENZUELA, T. N. H. International journal of morphology, 2014.</p>	<p>do Chile, todos homens, nove deles completamente cegos, classificados como B1, e os outros dois com baixa visão classificados um como B2 e o outro B3.</p>	<p>composição corporal, estado nutricional, condicionamento físico (através de aspectos estruturais e funcionais) em pessoas com deficiência visual praticantes de goalball.</p>	<p>descritivo com enfoque quantitativo. Avaliações de composição corporal e testes específicos para avaliar o condicionamento físico dos atletas.</p>	<p>uma boa composição corporal, somatotipo e estado nutricional dos atletas, apresentam um condicionamento físico satisfatório diante dos testes realizados.</p>
<p>SILVA, G. N. P.; ALMEIDA, A. E. J.; ANTÉRIO, D., Brasil 2015.</p>	<p>22 atletas, sexo masculino com idades entre 28 e 59 anos.</p>	<p>Análise da comunicação corporal da pessoa com deficiência visual no goalball</p>	<p>Pesquisa descritiva com observação direta e abordagem qualitativa.</p>	<p>O deficiente visual no jogo de goalball parece “ver” pela sinestesia, compreendendo o mundo ao seu redor através da experiência do corpo em movimento.</p>
<p>TORRALBA, A. M.; VIVER, J.; VIEIRA, B. M.; NIKIC, M., Espanha, 2015</p>	<p>37 atletas cegos, sendo 23 homens e 14 mulheres com uma média de idade de 27,4 anos.</p>	<p>Analisar as capacidades fisiológicas dos deficientes visuais em diferentes baterias e compará-las com outros atletas</p>	<p>Avaliação antropométrica e variáveis fisiológicas (cardiovasculares) de 37 atletas cegos</p>	<p>Os atletas deficientes avaliados possuem valores similares a outros atletas, os deficientes visuais da classe B1 apresentaram valores mais baixos quando comparados aos</p>

				da classe B2

6.5 Judô

No Judô Paralímpico foram encontrados um total de 4 artigos que se mostraram pertinentes diante das palavras chaves utilizadas, o primeiro dos estudos foi publicado no ano de 2007 na Argentina e o último deles no ano de 2011; Os temas estudados acerca do Judô Paralímpico dividiram-se em: avaliação, pedagogia e aspectos gerais da modalidade.

Tabela 4 – Judô paralímpico.

Autores	População	Tema estudado	Métodos	Principais resultados
JÚNIOR RUSSO, W.; SANTOS, M. J. L. Revista Digital EFdeportes.com, 2001. Buenos Aires.	Não houveram sujeitos analisados.	Abordar uma nova proposta de atuação do desporto, em relação a um processo de orientação e mobilidade para deficientes visuais através do Judô.	Revisão de literatura.	O Judô, pode estabelecer fatores determinantes para a auto descoberta, bem como, o favorecimento para uma mobilidade independente e uma orientação segura, em que os deficientes visuais, podem ir além dos esquemas a eles

				preconizados.
GROSSO, F.; MATARUNA, L.; DANTAS, P. FILHO FERNANDES, J. Revista digital EFdeportes.com, 2007. Buenos Aires.	42 atletas brasileiros do sexo masculino que disputaram o Campeonato Brasileiro para Cegos.	Identificação do perfil somatotípico e composição corporal de atletas de judô brasileiros, masculinos e deficientes visuais.	Pesquisa descritiva transversal. Para a obtenção do perfil de composição corporal, utilizou-se a equação de Jackson et al. (1980). Para a realização do cálculo do percentual de gordura foi utilizada a equação proposta por Siri (1961) citada por Guedes (1989).O somatotipo foi obtido através do protocolo de Heath e Carter (1990). As medidas corporais foram tomadas de acordo com o protocolo da Sociedade Internacional para o Avanço da	As características dos atletas de Judô apresentam uma grande variação, dependendo da categoria a que pertençam, devido a esse fato o Judô é disputado em sete categorias de peso distintas que iniciam no ligeiro (- 60Kg) e terminam na categoria pesado (+100kg).

			Cineantropometria.	
GOMES, P. S. M.; MORATO, P. M.; ALMEIDA, J. J. G. Revista Conexões, 2011.	12 atletas do sexo feminino de quatro seleções distintas (Brasil, Estados Unidos, Inglaterra e Suécia), todas elas participantes do Campeonato Mundial de Judô Paralímpico em 2005.	Comparar entender o fenômeno das mulheres com deficiência inseridas no esporte, comparação das realidades de atletas brasileiras e estrangeiras a partir da perspectiva sócio cultural.	Investigação qualitativa de caráter descritivo e analítico.	Questões de gênero parecem não incomodar as atletas entrevistadas, o contraste da seleção brasileira com outras seleções é explícito diante dos contextos sociais analisados. As atletas valorizam o esporte adaptado colocando-os como responsáveis pela mudança de paradigmas e por fazer com que tenham uma vida social ativa.
SANTIAGO, G. A.; PRIETO, I.; CAMERINO, O.; ANGUERA, T. Journal of Sports Science, 2011.	92 homes e 25 mulheres com deficiência visual judocas da categoria sênior.	Determinar a estrutura temporal das lutas de judô em homens e mulheres com deficiência visual.	Sistema de gravação de dados, seguido de análise descritiva de frequência de tempo da luta.	A maioria das lutas terminou antes do tempo, a estrutura temporal da luta não é a mesma para homens e mulheres, tanto em tempo

				total de luta, quanto no tempo de luta em pé e no chão; aponta para uma variedade de métodos de formação ajustados as necessidades dos participantes com deficiência visual.
--	--	--	--	--

6.6 Natação Paralímpica:

Diante da natação paralímpica foi encontrado um total de cinquenta e três estudos, com o primeiro datado em 1973 nos Estados Unidos e o último realizado em 2014. A divisão dos temas estudados acerca de tal modalidade é mais ampla do que o encontrado nas demais pesquisadas, a grande maioria dos estudos analisa a avaliação física, seguido por treinamento e inclusão, depois com valores menores vem os temas: psicologia, paralímpiadas, classificação funcional, lesão esportiva, aspectos do jogo, aptidão física, mídia, doping, nutrição e tecnologias. Porém grande parte dos artigos encontrados foram descartados da atual revisão por não tratarem dos deficientes visuais, o maior número de artigos sobre a natação dizem respeito a deficiência físico-motora ou amputados, três artigos falavam sobre paralisados cerebrais. Desse modo após o descarte daqueles que não se mostraram pertinentes ao trabalho, restaram nove artigos sobre a natação paralímpica para deficientes visuais, que são descritos no quadro a seguir.

Tabela 5 – Natação paralímpica.

Autores	População	Tema estudado	Métodos	Principais resultados
WU, S. K.; WILLIAMS, T.; SHERRILL, C. Adapted Physical Activity Quarterly, 2000.	18 classificadores internacionais de natação e outros 3 classificadores a nível nacional completaram os questionários de avaliação.	Examinar os classificadores como agentes de controle da natação paralímpica, buscando analisar os recursos utilizados pelos classificadores.	Questionários distribuídos pessoalmente aos classificadores nos Jogos de Stoke Mandeville em 1997 e nos campeonatos europeus de natação também em 1997,	Foi concluído que os classificados possuem seis diferentes recursos que servem para manter a competência do trabalho executado.
SANTOS, S. S.; GUIMARÃES, F. J. S. P. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. Brasil, 2002.	Não há especificado no trabalho a população trabalhada, apenas que eram atletas paralímpicos de atletismo ou natação.	Análises quantitativa e qualitativa de parâmetros biomecânicos de provas de atletismo e natação, utilizando a cinematria.	Na natação foram feitas filmagens subaquáticas nos planos transversal e sagital em uma piscina de 25m x 12,5m. Foram analisadas as saídas, as viradas e a técnica de nado desenvolvida. Foram feitas ainda filmagens fora da água para a análise das saídas (fase aérea) e a técnica de nado.	Imperfeições na condução da técnica dos movimentos, em especial, nos arremessos no atletismo e na natação. Tais resultados serviram como subsídios para os treinadores adaptarem e modificarem seus treinamentos no sentido de corrigir as imperfeições.

COSTA, A. M.; SANTOS, S. S.; Revista Brasileira de Medicina do Esporte, 2002.	Seleção paraolímpica Brasileira de Natação e Atletismo nos jogos paralímpicos de 1996 e 2000.	Expor concreta e cientificamente a capacidade de evolução no aspecto técnico, administrativo e da <i>performance</i> qualitativa dos atletas brasileiros, comparando com a última participação nos Jogos Paraolímpicos em questão, Atlanta 1996 para os Jogos de Sydney em 2000.	Análise estatística e comparativa entre os resultados e performance do Brasil nos jogos Paralímpicos de 1996 e 2000.	Conclui-se que o desporto adaptado no Brasil está em plena evolução, tanto no seu aspecto administrativo, de marketing e também técnico.
FUGITA, M. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 2003.	15 nadadores (5 deficientes visuais paralímpicos, 5 videntes olímpicos e 5 videntes sem objetivo competitivo, com idades entre 19 e 42 anos.	Verificar se existem diferenças entre nadadores deficientes visuais e videntes na percepção do próprio nadar.	Foi aplicado um questionário por meio de entrevista telefônica com os participantes da pesquisa.	Nadadores dos três grupos, de modo geral, preocupam-se em corrigir o movimento e em estar atentos aos aspectos externos do seu corpo, é possível determinar e

				caracterizar diferenças na percepção do próprio nadar de nadadores deficientes visuais e videntes; há vantagem na percepção do próprio nadar dos nadadores videntes olímpicos.
BODAS, A. R.; LÁZARO, J. P.; FERNANDES, H. M. Revista Motricidade, 2007.	28 atletas paralímpicos de 4 diferentes modalidades (bocha, natação, atletismo e equitação), 9 atletas com deficiência visual, 8 atletas com comprometimento físico-motor e 11 atletas com paralisia cerebral.	Determinar as características psicológicas que definem o atleta paralímpico.	Questionário do Perfil Psicológico de Prestação, esse teste visa avaliar 7 variáveis psicológicas de prestação: autoconfiança, pensamentos negativos e positivos, visualização, motivação e atitude competitiva.	Os principais resultados indicaram níveis elevados de preparação psicológica, sistemática para as variáveis motivação, autoconfiança e atitude competitiva, e não sistemática para o positivismo, visualização, atenção e negativismo. Evidenciaram-se ainda diferenças significativas

				entre os atletas de acordo com o tipo de deficiência, modalidade e títulos conquistados.
SANTOS, B.; FAYH. A. P. T.; MASCARENHAS, M. EFDeportes.com; Brasil, 2011.	15 praticantes de natação com deficiência, divididos em dois grupos: deficiência física e deficiência visual.	Perfil laboratorial de pessoas com deficiência física e visual praticantes de natação.	Avaliação laboratorial para dosagens de colesterol total, HDL-colesterol, triglicerídeos, proteína C-reativa e proteínas totais seguidos de avaliação estatística, apresentando os resultados em frequência, média e desvio padrão.	Indivíduos com deficiência visual apresentaram valores normais de colesterol total, triglicerídeos, HDL-colesterol e LDL - colesterol. O grupo dos deficientes amputados apresentou valores de colesterol total e triglicerídeos normais, e valores de HDL-colesterol e LDL - colesterol , estatisticamente significativos. Os dois grupos apresentaram

				valores normais de proteínas totais, albumina e globulina. É indicado que a população em questão deve realizar um acompanhamento através de exames para auxiliar no rendimento e na qualidade de vida.
SILVA, M. M.; BILZON, J., DUARTE, E.; GORLA, J.; VITAL, R. Journal of Athletic Training, 2013.	28 atletas de elite da natação paralímpica, 19 homens e 9 mulheres, 12 atletas que competem na classe S11, 12 S12 e 4 da classe S13.	Determinar as principais características e epidemiologia das lesões esportivas em deficientes visuais da elite nacional de nadadores paralímpicos, avaliar as diferenças entre as classes visuais e sexo dos atletas.	Estudo epidemiológico descritivo,	Os nadadores com deficiência visual tiveram uma proporção relativamente alta de lesões por overuse, associadas predominantemente com espasmos musculares na coluna e tendinite nos ombros. Não foram encontradas diferenças na

				prevalência aparente de lesão e incidência clínica entre as classes visuais ou entre sexos dos atletas.
WOJCIECH, S.; TETYANA, P.; MIROSLAW, F. Journal of the Philosophy of Sport, 2014.	Nadadores da seleção Olímpica e Paralímpica da Polônia nos Jogos de Londres 2012.	Avaliação e análise dos resultados de nadadores poloneses nos jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres 2012.	Avaliação dos nadadores da Polônia nos Jogos de Londres, realizado com base na quantidade de medalhas e por comparação dos resultados. Utilizou-se o método de melhoria relativa dos resultados (relativo ganho de desempenho%), com base na seguinte equação $RPG\% = \frac{\text{momento inicial} - \text{tempo final}}{\text{momento inicial}} \times 100$. Este método foi desenvolvido e apresentado por Vladimit Issurin no seminário para treinadores em Palma de Majorca em 2005. O material	Os resultados dos Jogos de 2012 na natação não foi favorável aos poloneses, os atletas olímpicos não conseguiram nenhuma medalha e os paralímpicos apesar de saírem com 3 medalhas, apresentaram números menores do que na edição anterior que conquistaram 10 medalhas para o país.

			da pesquisa foi a análise e processamento de resultados, recebidos pela Polônia nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2012	
RODER, C.; MORAES, L. C.; DUTRA, C. M.; SILVA, K. G. S.; GATTI, R. G. O.; TEIXEIRA, L. R. Coleção de Pesquisa em Educação Física; Brasil, 2014.	50 para-atletas com idade entre 14 e 61 anos, 17 mulheres e 33 homens, que participaram da 2ª Etapa Nacional do Circuito Loterias Caixa Brasil, em Julho de 2012. A seleção dos para-atletas para o estudo foi aleatória (idade, sexo, deficiência, classe funcional).	Identificar as lesões que mais acometem nadadores paralímpicos, as áreas corporais mais acometidas, os tipos de lesões mais comuns e qual o grupo de deficientes sofre maior número de lesões.	Estudo descritivo, no qual foi realizada uma pesquisa direta de campo, através de um questionário misto (perguntas abertas e fechadas).	40% dos atletas apresentam alguma lesão, desses, 81,82% está localizada no ombro e a lesão mais comum foi a tendinite com 54,55%. As lesões estão relacionadas ao volume de treino e ao <i>overuse</i> .

7. CONCLUSÃO:

Diante dos resultados obtidos, podemos concluir que o estudo acerca do esporte paralímpico para deficientes visuais no Brasil e no mundo é ainda escasso, especialmente em algumas modalidades específicas, as modalidades com o maior número de trabalhos produzidos nos últimos anos são Atletismo, Goalball e Natação. As demais modalidades que contemplam os deficientes visuais: futebol de cinco, judô e ciclismo tem um número inferior de estudos, o futebol com oito estudos analisados, o judô com quatro e o ciclismo com nenhum trabalho envolvendo a deficiência visual como foco de pesquisa.

No Atletismo e Natação, modalidades estas que contemplam diferentes tipos de deficiências além da visual, como: físico-motora, amputações, nanismo e paralisados cerebrais, tem em seus estudos uma ampla variedade de temas e de deficiências analisadas, um problema encontrado diante dessas modalidades foi a falta de delimitação do estudo, não deixando claro qual foi a população em questão. A grande maioria dos estudos dizem respeito a deficientes físicos e amputados.

Os Jogos Paralímpicos até os dias atuais são muitas vezes vistos como um espetáculo complementar, paralelo as Olimpíadas, sem muita importância (NOVAIS & FIGUEIREDO, 2010), os canais de mídia e as políticas públicas mantêm o foco apenas nos atletas olímpicos. É papel dos profissionais de educação física não deixar que o movimento paralímpico se estagne, pensando no esporte adaptado como uma grande área da educação física. Para tanto se faz necessário pesquisas maiores e mais amplas sobre o esporte adaptado e esporte paralímpico desde as linhas de base até o alto rendimento. É de extrema importância que a pesquisa no esporte paralímpico venha a crescer cada vez mais, tendo em vista que os resultados do Brasil nos jogos de modo geral vem crescendo, a junção das universidades, da pesquisa científica, da tecnologia se faz necessário para o constante crescimento e desenvolvimento do esporte no país e no mundo.

9. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABRANTES, Gustavo Maciel. Natação. In: MELLO, M. T; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 169-178.

AMORIM, M.; CORREDEIRA, R.; SAMPAIO, E.; BASTOS, T.; BOTELHO, M. Goalball: uma modalidade desportiva de competição. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**. Vol. 10, n. 1, p. 221-229. Portugal, 2010.

AYDOG, E; AYDOG, S. T.; ÇAKCI, A; DORAL, M. N. Dynamic Postural Stability in Blind Athletes Using The Biodex Stability System. **nt J Sports Med**, vol. 27, n. 5, p. 415-418. Turquia, 2006.

BADILLA, P. A. V.; CUMILLAF, A. E. R. G.; VELENZUELA, T. N. H. Somatotype, Body Composition, Nutritional State and Physical Condition in People with Visual Impairment Who Practice Goalball. **International journal of morphology**. Vol. 32, n. 1, p. 183-189. 2014.

BERNARDES, L. C. G.; ARAUJO, T.C.C.F.; SPEZIA, C.H.; MAIOR, I.M.M.L. Pessoas com deficiência e políticas de saúde no Brasil: reflexões bioéticas. **Ciência & Saúde Coletiva** 2009,14: 31-8

BODAS, A. R.; LÁZARO, J. P.; FERNANDES, H. M. Perfil psicológico de prestação dos atletas paralímpicos Atenas 2004. **Revista Motricidade**. Vol. 3, n. 3, p. 33-43, Portugal, 2007.

BORGMANN, T.; ALMEIDA, J. J. G. Esporte paralímpico na escola: revisão bibliográfica. **Revista Movimento**. Vol. 21, n. 1, p. 53-68. Porto Alegre, mar./2015.

CAGNO, A.; JULIANO, E.; AQUINO, G.; FIORILLI, G.; BATTAGLIA, C.; GIOMBINI, A.; CALGANO, G. Psychological well-being and social participation assessment in visually impaired subjects playing Torball: A controlled study. **Research in Developmental Disabilities**. Vol. 34, p. 1204-1209. Itália, 2013.

CALISKAN, E.; PEHLIVAN, A.; ERZEYBEK, M. S.; KAYAPINAR, F. C.; AGOPYAN, A.; YUKSEL, S.; DANE, S. Body mass index and percent body fat in goalball and movement education in male and female children with severe visual impairment. **Neurology, Psychiatry and Brain Research**; p. 39-41, 2011.

CAMPOS, L. F. C. C.; COSTA e SILVA, A. A.; SANTOS, L. G. T. F.; COSTA, L. T.; MONTAGNER, P. C. BORIN, J. P.; ARAÚJO, P. F.; GORLA, J. I. Effects of training in physical fitness and body composition of the brazilian 5-a-side football team. **Revista Andaluza de Medicina del Deporte**. Vol. 6, n. 3, p. 91-95, 2013.

CERQUEIRA, Diego; GOMES, Mariane Simões Pimentel; ALMEIDA, José Júlio Gavião. Judô. In: MELLO, M. T; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 161-168

COSTA, A. M.; SANTOS, S. S. Participação do Brasil nos Jogos Paraolímpicos de Sydney: apresentação e análise. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Vol. 8, n. 3. – Junho/2002.

CIVATTI, Claudio. Ciclismo. In: MELLO, M. T; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 93-104

COSTA, C. M.; SOUZA, J. V.; ANJOS, J. O goalball e a percepção auditiva: um relato de experiência. **Revista Adaptada**. Vol. 9, n. 1, p. 27-32. Presidente Prudente – Jan./Dez. 2013.

DÉA, V. H. S. D.; DUARTE, E.; GORLA, J. I.; INÁCIO, H. L. D.; CASTRO, A. P. Avaliação dos estados de humor dos atletas paraolímpicos brasileiros do futebol de cinco. **Pensar a Prática**. Goiânia, v.14, n.2, p.1-10, 2011.

DIJKSTRA, H. P.; POLLOCK, N.; CHAKRAVERTY, R.; ALONSO, J. M. Managing the health of the elite athlete: a new integrated performance health management and coaching model. **Br J. Sports Medicine**. Vol. 48, p. 523-531, 2014.

ESTEVES, A. M.; SILVA, A.; BARRETO, A.; CAVAGNOLLI, D. A.; ORTEGA, L. S. A.; PARSONS. A.; TUBIBA, E. R.; BARRETO, M.; WINCKLER, C.; TUFIK, S.; MELLO, M. T. Avaliação da qualidade de vida e do sono de atletas paralímpicos brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Vol. 21, n. 1, jan/fev. 2015.

FRASSON, A. C.; STRIJKER, B. E. Portadores de necessidades especiais: o esporte como fator de inclusão social. *Anais do 2º Congresso Científico do 7º Meeting 2003*: 165-9

FREIRE, Jonas; MORATO, Márcio Pereira. Futebol de Cinco. In: MELLO, M. T; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 115-124.

FUGITA, M. Percepção do seu próprio nadar: nadadores deficientes visuais e videntes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Vol. 2, n. 2, p. 71-83. Barueri, 2003.

GROSSO, F.; MATARUNA, L.; DANTAS, P. FERNANDES FILHO, J. Perfil somatotípico e composição corporal de atletas de judô brasileiros masculinos cegos e deficientes visuais. **Revista digital efdeportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 106, março/2007.

GOMES, M. S. P.; MORATO, M. P.; ALMEIDA, J. J. G. Judô Paraolímpico: comparações e reflexões sobre as realidades de diferentes seleções femininas. **Revista Conexões**. Vol. 9, n. 2, p. 85-109, maio/ago. 2011.

KARAKAYA, I. Ç.; AKI, E.; ERGUN, N. Physical fitness of visually impaired adolescent goalball players. **Perceptual and Motor Skills**. Vol. 108, p. 129-136. Estados Unidos, 2009.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MAGNO e SILVA, M. P.; DUARTE, E.; COSTA e SILVA, A. A.; SILVA, H. G. P. V.; VITAL, R. Aspectos das Lesões Esportivas em Atletas com Deficiência Visual. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Vol. 17, n. 5, p. 319-324, set/out. 2011.

MAGNO e SILVA, M. P.; WINCKLER, C.; COSTA e SILVA, A. A.; BILZON, J.; DUARTE, E. Sports Injuries in Paralympic Track and Field Athletes with Visual Impairment. **American College of Sports Medicine**. Vol. 45, n. 5, p. 908-913, 2013.

MAGNO e SILVA, M.; BBILZON, J.; DUARTE, E.; GORLA, J.; VITAL, R. Sport Injuries in Elite Paralympic Swimmers With Visual Impairment. **Journal of Athletic Training**. Vol. 48, n. 4, p. 493-498. Brasil/Inglaterra, 2013.

MAGNO e SILVA, M. P.; MORATO, M. P.; BILZON, J. L. J.; DUARTE, E. Sports Injuries in Brazilian Blind Footballers. **Inst Journal Sports Medicine**, v. 34; p. 239-243, 2013.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**. Vol. 23, n. 4, p. 515-527. Brasil, 2012.

MARQUETE, P. M.; MARTÍNEZ, M. D. A.; FERNÁNDEZ, R. S.; MARTÍNEZ, F. S.; MEDINA, J. A.; VELA, A. L.; SALILLAS, L. G. Incidencia lesional en competición de atletismo de alto nivel de deportistas paralímpicos. **Archivos de Medicina del Deporte**. V. 12, n. 109, p. 371-379. 2005.

MELLO, Marco Túlio; WINCKLER, CIRO. **Esporte Paralímpico**. Atheneu, 2012.

MORATO, M. P.; GOMES, M. S. P.; SCAGLIA, J. A.; ALMEIDA, J. J. G. A mediação cultural no futebol para cegos. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 45-63, out/dez 2011.

MORATO, Márcio Pereira; ALMEIDA, José Júlio Gavião. Goalball. In: MELLO, M. T; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 131-140.

MOVAHEDI, A.; MOJTAHEDI, H.; FARAZYANI, F. Differences in socialization between visually impaired student-athletes and non-athletes. **Research in Developmental Disabilities**. Vol. 32, p. 58-62, Irã, 2011.

NOGUEIRA, C. R.; SHIBATA, J.; GAGLIARDI, J. F. L. Comparação do Equilíbrio estático e dinâmico entre atletas com deficiência visual, praticantes de goalball e atletismo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Vol. 17, n. 2, p. 1-17, Brasil, 2009.

OLIVEIRA, C. H. S.; PRADA, A. C. B.; BOATO, E. M.; SILVA, J. V. P.; SAMPAIO, T. M. V.; CAMPBELL, C. S. G. O Goalball como possibilidade de inclusão social de

peessoas com deficiência visual. **Revista Pensar a Prática**. Vol. 16, n. 1, p. 165-182. Goiânia, jan./mar. 2013.

RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A superação esportiva vivenciada por atletas com deficiência visual: análise fenomenológica. **Revista Brasileira de Psicologia e Esporte**; v. 3, n. 2, São Paulo, dez/2010.

RODER, C.; MORAES, L. C.; DUTRA, M. C.; HESSEL, M.; SILVA, K. G. S.; GATTI, R. G. O.; TEIXEIRA, L. R. A incidência de lesões na para-natação. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. Vol. 13, n. 2, 2014.

RODRIGUES, N. Goalball: Estudo sobre o estado de conhecimento da modalidade e avaliação desportivo-motora dos atletas. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**. Portugal, 2002.

RUSSO JÚNIOR, W.; SANTOS, L. J. M. O judô como atividade pedagógica desportiva complementar, em um processo de orientação e mobilidade para portadores de deficiência visual. **Revista digital efdeportes**. Buenos Aires, ano 7, n. 35, abril/2001.

SAMPAIO, J. E.; LAGO, C.; GONÇALVES, B.; MAÇÃS, V. M.; LEITE, N. Effects of pacing, status and unbalance in time motion variables, heart rate and tactical behaviour when playing 5-a-side football small-sided. **Journal of Science and Medicine in Sport**. Portugal, v. 17, p. 229-233, maio/2014.

SANTIAGO, A. G.; PRIETO, I.; CAMERINO, O.; ANGUERA, T. The temporal structure of judo bouts in visually impaired men and women. **Journal of Sports Sciences**. Vol. 29, n. 13, out/2011.

SANTOS, B.; FAYH, A. P. T.; MASCARENHAS, M. Perfil laboratorial de pessoas com deficiência que praticam natação. **EFDeportes.com, Revista digital**. Buenos Aires, ano 15, n. 152, Janeiro/2011.

SANTOS, C. N.; SILVA, P.; FELÍCIO, L. R.; MAINENT, M. R. M.; VIGÁRIO, P. S. Capacidade Cardiopulmonar em Esforço de Atletas de Futebol de Cinco. **Cadernos Unisuam**. Rio de Janeiro, v. 3; n. 1, p. 99-100, jun/2013.

SANTOS, S. S.; GUIMARÃES, F. J. S. P. Avaliação Biomecânica de Atletas Paraolímpicos Brasileiros. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Vol. 8, n. 3, p. 92-98. – maio/jun 2002.

SCHERER, R. L.; RODRIGUES, L. A.; FERNANDES, L. L. Contribuição do Goalball para a orientação e mobilidade sob a percepção dos atletas de goalball. **Revista Pensar a Prática**. Vol. 14, n. 3, p. 1-15, Brasil, 2011.

SCHERER, R. L.; KARASIAK, F. C.; SILVA, S. G.; PETROSKI, E. L. Morphological profile of goalball athletes. **Motricidad European Journal of Human Movement**. Vol 28, p. 1-13, Brasil, 2012.

SILVA, A.; QUEIROZ, S. S.; WINCKLER, C.; VITAL, R.; SOUSA, R. A.; FAGUNDES, V.; TUFIK, S.; MELLO, M. T. Sleep quality evaluation, chronotype, sleepiness and anxiety of Paralympic Brazilian athletes: Beijing 2008 Paralympic Games. **Br J. Sports Medicine**. Vol. 46, p. 150-154. 2012.

SILVA, A.; MATTIELLO, S. M.; PETERSON, R.; ZANCA, G. G.; VITAL, R.; ITIRO, R.; WINKLER, C.; ROCHA, E. A.; TUFIK, S.; MELLO, M. T. Musculoskeletal complaints and physiotherapeutic procedures in the brazilian paralympic delegation during the paralympic athletics world championship in 2011. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Vol. 19, n. 4, p. 256-260. Jul/ago. 2013.

SILVA, A.; MATTIELLO, S. M.; PETERSON, R.; ZANCA, G. G.; VITAL, R.; ITIRO, R.; WINCKLER, C.; ROCHA, E. A.; TUFIK, S.; MELLO, M. T. Queixas musculoesqueléticas e procedimentos fisioterapêuticos na delegação brasileira paralímpica durante o mundial paralímpico de atletismo em 2011. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. V. 19, n. 4, jul/ago 2013.

SILVA, G. P.; PEREIRA, V. R.; DEPRÁ, P. P.; GORLA, J. I. Tempo de Reação e a Eficiência do Jogador de Goalball na Interceptação/defesa do Lançamento/ataque. **Revista Motricidade**. Vol. 6, n. 4, p. 13-22, Toledo, 2010.

SILVA, M. P. M.; SILVA, H. G. P. V. Lesões Esportivas nos Atletas de Goalball no Período de Treinamento e nos Jogos Panamericanos da IBSA 2009. **Revista Ciência & Saúde**. N. especial, p. 21, Porto Alegre, nov./2009.

SILVA, G. C.; SILVA, I. F.; PEREIRA, V, R. O esporte como meio de desenvolvimento psicomotor de pessoas com deficiência visual. **Arquivo de Ciência e Saúde Unipar**. Vol., 4, n. 2, p. 135-140, Brasil, 2000.

SILVA, P. N. G.; ALMEIDA, J. E. A.; ANTÉRIO, D. A comunicação corporal no jogo de goalball. **Revista Movimento**. Vol. 21, n. 1, p. 25-40. Porto Alegre, jan./mar. 2015.

SOUSA, S.B.; COSTA, A. M. Educação física como esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2004, 25, (3): 27-42.]

STAMOU, E.; THEODORAKIS, Y.; KOKARIDAS, D.; PERKOS, S.; KESSANOPOULOU, M. The effect of self-talk on the penalty execution in goalball. **British Journal of Visual Impairment**. Vol. 25, n. 3, p. 233-247. Grécia, 2007.

TORRALBA, M. A.; VIVES, J.; VIEIRA, M. B.; NIKIC, M. Control fisiológico para valorar las capacidades y características de deportistas con discapacidad visual. **Apunts Medicina de L'Esport**. Vol. 50, p. 85-93. 2015.

TOSIM, A.; RODRIGUES, G. M.; MENDONÇA, M. A. B. Seleção da percepção auditiva e tátil em atletas de goalball em situação defensiva de jogo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Vol. 7, n. 3, p. 181-187, 2008.

TOSIM, A.; PEROTTI JUNIOR, A.; LEITÃO, M. T. K.; SIMÕES, R. Sistemas técnicos e táticos no Goalball. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, ano 7, n. 2, p. 141-148, 2008.

WINCKLER, Ciro. Atletismo. In: MELLO, M. T; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012, p. 65-74.

WINCKLER, C. ; MATSUI, R.; CARVLHO, S. J. A.; ALMEIDA, G. J. J. A iniciação no atletismo para pessoas cegas e com baixa visão. **Revista efdesportes.com**, Buenos Aires - Ano 10, n° 75. Agosto/2004.

WOJCIECH, S.; TETYANA, P.; MIROSLAW, F. Comparison and Assesment of the Participation of Polish Swimmers at the Olympic and Paralympic Games in London. **Journal of the Philosophy of Sport**. Vol. 8, p. 15-21, 2014.

WU, S. K.; WILLIAMS, T.; SHERRILL, C. Classifiers as Agents of Social Control in Disability Swimming. **Adapted Physical Activity Quarterly**. Vol. 17, n. 4, p. 421-436. Inglaterra, 2000.

ÇOLAK, T. Ç.; BAMAÇA, B.; AYDINB, M.; MERİÇ, B.; OZBEKA, A. Physical fitness levels of blind and visually impaired goalball team players. **Isokinetics and exercise Science**, Holanda, 2004.